

OFICINA DE PRODUÇÃO DE TEXTOS COMO ALTERNATIVA DE LETRAMENTO

WALESKA DE OLIVEIRA GONÇALVES (FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UFMG),
BÁRBARA BRUNA MOREIRA RAMALHO (FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UFMG),
WALESKA DE OLIVEIRA GONÇALVES (FACULDADE DE EDUCAÇÃO - UFMG).

Resumo

Este trabalho relata e analisa práticas de letramento de um grupo de alunos de Pedagogia da UFMG, durante os anos de 2008 e 2009. A partir de um Projeto de Ensino elaborado pela professora Graça Paulino, foram lidos e escritos textos dos seguintes gêneros: artigo de opinião, crônica e resenha. Os textos lidos eram de natureza teórica ou modelar. As práticas de escrita foram objeto de discussão das quais participaram todas as alunas, inclusive a autora, sempre sob mediação da professora. Percebeu-se a falta de informações básicas sobre textualização e gêneros textuais em seus respectivos domínios discursivos. Após a formação teórica prévia, a escrita ainda exigia intervenção do grupo. Houve um amadurecimento lentamente explicitado nas produções como se pode comprovar pela publicação de dois textos em revista acadêmica de resenha no ano de 2008. O que se pode concluir da experiência diz respeito à necessidade de que, no curso de Pedagogia, seja estendida a todos os alunos a oportunidade de participar de oficinas dessa natureza. Pois, a maioria dos alunos chega à Universidade sem ter seus textos discutidos exaustivamente na escola, a ponto de representar um avanço no seu modo de produção escrita. Assim, se o curso de Pedagogia não investir nessa formação, os alunos podem ser diplomados sem uma autêntica inserção nas práticas de letramento acadêmico.

Palavras-chave:

Letramento acadêmico , Pedagogia, Formação.

Oficina de produção de textos como alternativa de letramento

PAULINO, Graça. - Autora.[1]

RAMALHO, Bárbara; GONÇALVES, Waleska O. - Co-Autoras [2]

Introdução

Este trabalho propõe relatar e analisar parte das práticas de letramento escolar de um grupo de alunas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), durante os anos de 2008 e 2009. Essas práticas de letramento foram possibilitadas através de um Projeto de Ensino elaborado pela professora Graça Paulino, que observou a falta de informação básica sobre textualização e gêneros textuais, em seus respectivos domínios discursivos, por parte das discentes. O projeto vem sendo desenvolvido com alunas bolsistas do Programa Especial de Bolsas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), denominado Pronoturno, sobre o qual falaremos adiante.

Ao iniciar a discussão sobre a relevância de práticas de letramento em meios acadêmicos, concebemos ser necessário tocar em alguns aspectos contextuais que as circunscrevem.

O primeiro deles consiste na consideração das particularidades dos cursos de licenciatura, especificamente, do curso de Pedagogia. Referimo-nos a fatores como o público atendido pela graduação, questão discutida por diversos autores entre eles Setton (1999), Braga e Peixoto (2006) e Viana e Melo (2006), com os quais estabeleceremos um diálogo teórico neste trabalho.

Uma segunda questão diz respeito à importância do letramento nas diversas esferas e momentos da escolarização, ou seja, atentar para o letramento como uma prática sociocultural ampla e ininterrupta, que não se aplica apenas aos primeiros anos de escolarização, como parecem julgar algumas representações sociais correntes. Assim, pretende-se demonstrar uma problematização, uma vez que, no que tange ao letramento, e, em especial, ao letramento acadêmico, sabemos que existem especificidades por ele pressupostas, que, muitas vezes, são desconhecidas dos alunos:

"Sabemos que a academia privilegia práticas da escrita que são próprias da comunidade acadêmica, e que, portanto, tomam os contornos de uma atividade nova e profundamente ameaçadora para o aluno que se depara com a responsabilidade de se expressar por escrito". (TÓRRES, 2007: 5).

Nesse sentido, o que se pretende por meio desta comunicação é aludir às práticas de letramento que possam ser efetivas na diminuição da distância entre o mundo acadêmico, com suas práticas de leitura e escrita de gêneros pertencentes a esse contexto e os alunos, que, em sua maioria, podem sentir-se excluídos delas.

Vale assinalar que a questão do distanciamento entre professores universitários e alunos no que diz respeito aos conhecimentos e produções escolares destes não é uma problematização recente no campo educacional, como pode ser verificado, sobretudo, nas abordagens críticas de currículo: Bourdieu (2003) e Young (1989) entre outros. O sociólogo Pierre Bourdieu (2003) afirma que presumir algumas práticas como naturais, em detrimento de se ater ao seu ensino sistemático, constitui uma ação que contribui para a perpetuação das desigualdades.

Traçando um perfil

Neste momento optamos por discutir estudos que abordem o perfil dos estudantes de Pedagogia, sobretudo, aqueles elaborados no âmbito da UFMG e de sua Faculdade de Educação (FaE). E, a partir deles, estabeleceremos relações com o perfil dos alunos de cursos de Pedagogia no Brasil.

À luz da perspectiva sociológica, os dados obtidos por esses estudos nos permitem uma discussão a respeito das disposições e condições objetivas de aprendizado e, assim, uma reflexão sobre o letramento acadêmico por parte dos sujeitos.

Referimo-nos ao conceito de *habitus*, um sistema de disposições que levariam a determinadas tomadas de posições e que, por sua vez, encontram-se diretamente vinculadas à origem social. Fazendo uso das palavras de Bourdieu, o *habitus* diz respeito às "estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações" (BOURDIEU *apud* NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2006: 27). Não se trata da adoção de uma visão determinista, mas do apontamento de fatores que contribuem ou não para a familiaridade com as disposições subentendidas como necessárias no âmbito acadêmico (WILSON, 2005). Entretanto, no que tange às práticas de socialização, faz-se necessário destacar a existência de outras perspectivas diferentes da de Bourdieu, a exemplo de Bernard Lahire (1997), o pensador considera a possibilidade de disposições sociais provocadas por circunstâncias individuais.

Alguns elementos que foram abordados nas pesquisas anteriormente mencionadas e que parecem nos auxiliar em apontar para essas condições objetivas são: a escolaridade, ocupação dos pais e aqueles que dizem respeito à escolarização dos sujeitos.

Com o intuito de traçar o perfil dos estudantes egressos nas graduações da UFMG, Braga e Peixoto (2006) realizaram, entre os anos de 2003 e 2005, um estudo societário desses alunos. Nele, os dados apontados demonstram que o curso de Pedagogia encontra-se classificado no primeiro quartil, ou seja, aquele em que há o maior número de estudantes com baixa renda familiar (média inferior a dez salários mínimos), 70% dos pais dos estudantes nele classificados não possuem Ensino Superior e mais de 60% dos alunos são oriundos de instituições públicas de ensino.

A verificação de um perfil, agora especificamente sociológico, dos alunos do curso foi, igualmente, feita por Viana e Melo (2006). Na ocasião os dados foram obtidos por meio da leitura de cento e vinte e duas biografias de alunos do sétimo e oitavo períodos do curso de Pedagogia da FaE/UFMG. No estudo, o que se nota é uma confirmação das informações anteriormente explicitadas.

A representação obtida foi a de predominância de mulheres, cujos pais, em sua maioria, 20,49%, não concluíram o antigo Curso Primário e apenas 6,97% tiveram acesso ao Ensino Superior. Quanto às ocupações dos progenitores, os que se enquadravam nos extratos inferiores[3] eram respectivamente 8,20% dos pais e 20,24% das mães. Aqueles que exerciam funções classificadas nos extratos superiores[4] eram 3,28% dos pais e 3,57% das mães.

Sobre a escolarização dos discentes, a grande maioria, 67,91%, freqüentaram instituições públicas durante o Ensino Médio. Além disso, 50% deles freqüentaram a modalidade técnica de ensino: 37,70% ao ensino propedêutico e 2,46% a ambos.

Como anteriormente dito, nos estudos demonstrados, os dados se reiteram. Quais seriam, portanto, as conclusões obtidas por pesquisas em outras instituições? Seria esse um perfil encontrado apenas na Faculdade de Educação da UFMG? O estudo de Maria das Graças Setton (1999) nos dá indícios de que não.

Em seu artigo *A divisão interna do campo universitário: uma tentativa de classificação* a autora busca evidenciar a hierarquização entre as graduações presente no *campus* da USP. O objetivo é o de desnaturalizar a percepção de que o acesso ao Ensino Superior nas Universidades públicas é restrito às elites. Nesse estudo foram aplicados questionários aos estudantes.

Ao fim de seu trabalho, Setton propõe uma classificação dos cursos entre: seletos, intermediários e populares[5]. O curso de Pedagogia está posicionado no último grupo (populares), no qual, entre outras especificidades, 25% ou mais dos pais de alunos possuem escolarização até o Ensino Básico. A ocupação dos pais localiza-se em 20% ou mais como profissionais de nível Básico ou Médio e, relativamente à escolarização dos sujeitos, um percentual maior que 20% demoraram quatro ou mais anos para o ingresso universitário. Neste sentido, fortalece-se o argumento da existência da similitude entre os cursos de Pedagogia e os perfis de seus discentes nos diversos Estados brasileiros.

Entretanto, qual seria a razão para nos determos a essa abordagem? Primeiramente, a tese aqui defendida é a de que, como vimos, nos três estudos, o curso de Pedagogia se localiza em uma exceção ao 'perfil comum', no caso da UFMG:

De uma maneira geral, o retrato do estudante da UFMG desenhado pelo Censo é o seguinte: ele é de classe média; cursou Ensino Médio diurno e não profissional; veio, principalmente, da escola média privada, mas quase 40% é egresso da escola pública; é solteiro; declara-se da raça branca; tem, em média, 20 anos (ou até 24 anos) e passou no vestibular pouco tempo depois de concluir o terceiro ano. Esse aluno típico não trabalhava quando se candidatou ao concurso (1/4 trabalhava), reside no Estado e, pelo menos, um dos pais tem curso superior. Os homens ainda representam pequena maioria, cerca de 53%, embora maior parte dos inscritos no Vestibular, 57%, seja do sexo feminino (BRAGA e PEIXOTO, 2006: 69)

Nessa perspectiva, não seria errôneo dizer de particularidades e, portanto, de demandas diferenciadas para essa graduação. O que acaba por remeter à nossa segunda justificativa: se pensarmos que o curso de Pedagogia propõe a formação de educadores, que são, na maioria das vezes, o principal veículo de acesso ao letramento dos estudantes de séries iniciais (KLEIMAN, 1995; GOURLART, 2005), é coerente dizer que a prática de letramento, da mesma forma, deve ser vivenciada por esses estudantes durante seu contexto de formação.

Letramento na Universidade

Até o momento fez-se referência ao termo 'letramento' sem a preocupação de delimitar o conceito. No entanto, o objetivo aqui proposto é o de tratar de um letramento específico: o acadêmico e, para caracterizá-lo, julgamos necessário remeter ao conceito que se firmou nos estudos de linguagem: "O conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos no uso da língua em práticas sociais e necessárias para uma participação ativa e competente na cultura escrita" (SOARES & BATISTA, 2005: 50). Assim, por letramento entende-se uma condição de ação adquirida num grupo social por um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita (SOARES, 2001).

A referência ao termo 'aquisição' remete à nossa argumentação primeira, indicando a necessidade de ensino de tal habilidade. Assim, como o letramento, no período de alfabetização, é concebido como uma prática social que deve ser assegurada a todos e esse cunho deve estar presente, também, no âmbito universitário.

Nesse sentido, o que nos mobiliza é a naturalização dos conhecimentos que são exigidos dos alunos nos cursos de graduação e, assim, a desconsideração de certas práticas como necessárias de ensino. De acordo com Tôrres (2006) tal perspectiva acaba por produzir uma sensação de *déficits* cognitivos por parte dos sujeitos, quando na verdade o que ocorre, como evidencia Wilson (2005) é uma distância entre as práticas de leitura e escrita que são familiares aos alunos, quando do ingresso no curso superior, e as expectativas relacionadas às suas produções no contexto acadêmico.

A ascendência da discussão do letramento acadêmico tem ocorrido de maneira mais contundente nas últimas décadas e, em países como Canadá, Estados Unidos e Inglaterra, nos quais há correntes metodológicas que vêm estudando a questão da escrita no Ensino Superior. Nessas teorizações defende-se que "aprender a escrever é um processo que não termina no ingresso do estudante na Universidade, já que escrever é imprescindível em qualquer matéria" (TÔRRES, 2006: 6).

A esse respeito, Fischer (2008) propõe que uma boa estratégia para que o letramento acadêmico não se constitua em uma simples imposição é a conscientização por parte dos docentes de quem são os alunos e os possíveis fatores sociais que os circunda. Para a autora, tais conhecimentos possibilitam a negociação e a reflexão entre alunos e professores, bem como promove o aprendizado para ambos. Daí outra justificativa para que se considere os perfis dos alunos do curso de Pedagogia anteriormente referidos nesta comunicação.

Para aludirmos ao distanciamento entre leitura e escrita 'reais e ideais', basta uma reflexão sobre o modo como grande parte dos sujeitos passam por sua escolarização 'estimulados' a essas habilidades como práticas isoladas, não raramente, descontextualizadas da realidade e, por conseguinte sem um objetivo concreto.

É por tudo isso que se reitera a perspectiva de 'aquisição' em detrimento do 'conhecimento dado' e por essa razão em consonância com Cruz (2007)

"...compreendemos que a Universidade deve voltar sua atenção, de modo especial, para promoção e desenvolvimento de habilidades leitoras e escriturais desses alunos, como o viés necessário para auxiliá-los a se tornarem indivíduos mais aptos a competirem num mercado de trabalho cada vez mais agressivo". (Cruz, 2007:p.4)

É preciso abandonar a recorrente percepção de que práticas de letramento são de responsabilidade de uma única disciplina (em geral a de Língua Materna) entre as várias a que os alunos têm acesso durante a graduação. Essa argumentação não se sustenta, pois, entre outras razões, existe um caráter plural dessa prática, ou seja, o letramento.

"... refere-se a uma multiplicidade de habilidades de leitura e escrita, que devem ser aplicadas a uma ampla variedade de materiais de leitura e escrita; compreende diferentes práticas que dependem da natureza, estrutura e aspirações de determinada sociedade". (SOARES, 2001: 112).

É nesse contexto e sob essas considerações que iremos aqui partilhar uma recente experiência de letramento que vem sendo desenvolvida com um grupo de alunas bolsistas do Pronoturno na FaE/UFMG. O objetivo é compartilhar uma prática que tem contribuído para a diminuição do distanciamento referido.

O Pronoturno

O programa especial de bolsas Pronoturno foi criado no ano de 2006, na UFMG, com o objetivo de possibilitar a plena inserção de alunos de cursos noturnos na vivência acadêmica. Desta maneira, visa propiciar ao discente, que iniciou a graduação como trabalhador, o acesso às atividades culturais, participação em eventos de natureza científica, bem como, a dedicação aos estudos. A concessão de uma bolsa de estudos do programa, permite a manutenção financeira do graduando, podendo então, no início do curso, abandonar o trabalho e fazer integralmente a opção por ser estudante ao longo de toda a sua graduação.

O programa possui, além de tais características comuns, algumas especificidades de acordo com o curso a que se destina. Na FaE/UFMG, o Pronoturno propõe a formação de professores, que compreende o desenvolvimento dos níveis de letramento de suas integrantes. Isso por conceber o docente como mediador de leitura e escrita, no acesso à cultura letrada por parte de seus alunos. Dessa forma, há no grupo o cultivo de práticas de leitura, discussão e escrita de textos científicos e literários, sobretudo, por meio da Oficina de Produção de Textos, objeto do presente trabalho.

Em síntese, são dois os eixos que norteiam as práticas nesse programa:

1- atividades de formação cultural geral nas quais os bolsistas entram em contato com os espaços culturais disponíveis na cidade ou no seu entorno, além de desenvolver e aprimorar o hábito pelas leituras de obras literárias gerais e infantis;

2 - atividades de formação acadêmica com o intuito de inserir as integrantes nos espaços da Universidade e outros, através da participação em eventos e apresentação de trabalhos, além de proporcionar-lhes a participação em oficinas a fim de desenvolver a leitura e escrita para produção e publicação de trabalhos científicos (EITERER *et.al.*, 2008: 2).

A apresentação desses elementos permite aferir as duas características inerentes ao Pronoturno FaE/UFMG. A primeira delas concerne à sua natureza de ação afirmativa e, assim, de benefício direto aos bolsistas e a outra, a contribuição que tais discentes podem trazer para a instituição a que são vinculados e, de alguma forma, ao campo científico, isso, sobretudo, pelo envolvimento com a pesquisa, com uma pequena contribuição para a produção e difusão do conhecimento.

Oficina de Produção de Textos

Diante das dificuldades apresentadas pelos alunos de graduação em relação à produção de textos em seus diversos gêneros, bem como as dúvidas de ordem ortográfica e gramatical por eles apresentadas, foi proposto, no primeiro semestre de 2008, pela professora Graça Paulino, uma oficina de produção de textos. O objetivo foi o de auxiliar tais sujeitos no sentido de possibilitar uma familiaridade com as novas posições por eles ocupadas na academia: a de leitor e a de escritor

de gêneros acadêmicos. Nessa perspectiva, pode-se assinalar ao menos dois dos desafios postos à oficina.

O primeiro concerne a internalização por parte dos sujeitos de que podem se constituir autores de textos, uma vez que, de maneira geral, os estudantes passam a maior parte de trajetória escolar sem se entenderem como dignos da posição de escritor. A outra, diz respeito ao desenvolvimento de habilidade de uma leitura autônoma em que o leitor se veja como participante do processo de produção de sentidos dos textos que lê, contrapondo-se à concepção mecânica de transmissor e receptor de mensagens (COSTA VAL e VIEIRA, 2005).

Com o intuito de orientar e promover uma aproximação com gêneros textuais de natureza acadêmica a docente tem promovido durante os anos de 2008 e 2009 encontros semanais com duração de uma hora nos quais as dificuldades são discutidas. Não se trata, portanto, de um formato de aula tradicional de Português, mas de um espaço de promoção do letramento. Nesse sentido, trata-se de um reconhecimento por parte da academia da necessidade da transmissão desses conhecimentos sem, no entanto, a pretensão de institucionalizá-los, remontando-nos à discussão de Fischer (2008) e Tórres (2007) quando assinalam que tal prática não é de responsabilidade de uma disciplina específica.

Durante esse período foi possível notar que, embora sejam muitas, em sua maioria, as dificuldades apresentadas pelas estudantes são coincidentes, provavelmente evocando a nossa hipótese de relação com fatores externos como a escolarização prévia e a origem social. Sendo assim, as ações empreendidas possuem uma dinâmica de aproximação para com a leitura e escrita de uma forma contextualizada: por meio de diálogos com as alunas são propostas temáticas a serem trabalhadas buscando abranger as demandas por elas apresentadas. Posteriormente há proposições de atividades práticas.

Desta forma, por exemplo, ao trabalhar o gênero 'resenha', foram lidos e discutidos textos que identificam tal gênero além da análise de algumas resenhas. Posteriormente, foi-nos proposto a autoria de resenhas literárias, as quais foram sujeitadas a olhares críticos no grupo: foram todas coletivamente discutidas oportunizando o aprendizado tanto do autor em questão quanto das demais colegas. Faz-se importante ressaltar que, dentre essas produções, duas foram publicadas em revista eletrônica da área de educação[6].

O mesmo procedimento tem sido utilizado para o trabalho com os demais gêneros, como o artigo acadêmico e o relatório técnico.

Apesar de ser o seu objetivo primeiro o desenvolvimento do letramento acadêmico das discentes, não se pode ignorar as demais contribuições que essa prática tem ofertado a elas, como o letramento em outras áreas. Em muitas destas oficinas são apresentadas sugestões literárias e cinematográficas, havendo uma significativa contribuição para o aumento dos níveis de capital cultural[7] por parte das bolsistas.

Considera-se que a oficina de produção de textos tem corroborado para a melhora da escrita das alunas, exercendo, portanto influência em suas vivências acadêmicas. Além disso, tem possibilitado uma diferenciada preparação de suas integrantes para o exercício da docência, tal como proposto por Fischer (2008) ao afirmar ser relevante o letramento acadêmico para a preparação para o mundo do trabalho. Não se pode deixar de dizer ainda da relevância dessa prática para o exercício de um olhar crítico do mundo, considerando-se a sociedade grafocêntrica na qual estamos inseridos.

Novamente percebe-se que é preciso dar seqüência ao letramento acadêmico, visto que ele assume um aspecto fundamental na vida dos alunos. O projeto no momento alcança uma pequena parte dos alunos da graduação e já percebe-se os resultados. As alunas, através da oficina, recebem uma formação diferenciada, o que traz para as bolsistas uma oportunidade de aprendizagem da qual, por algum motivo social, foram privadas, e agora tendo o privilegio de retomar a questão e aprimorar a sua formação.

Considerações Finais

Este artigo pretendeu contribuir para a discussão sobre a importância de se tratar o letramento acadêmico de uma forma aberta e crítica. E, portanto, desnaturalizar os conhecimentos demandados pela escrita da Universidade.

Trata-se de 'colocar o dedo na ferida' para que seja possível pensar em práticas que venham a seu encontro no sentido de saná-la. Além do mais, talvez tal problematização colabore para o redirecionamento do olhar: da culpa ou do *déficit* cognitivo do estudante (WILSON, 2005), para a tomada de responsabilidade pela academia (FISCHER, 2008).

Por fim, o que se pode concluir da experiência diz respeito à necessidade de que, no curso de Pedagogia, tais práticas sejam estendidas a todos os alunos. Trata-se de uma demanda generalizada a oportunidade de participar de oficinas dessa natureza, já que a maioria dos alunos chega à Universidade sem ter seus textos discutidos exaustivamente na escola básica.

A oficina representa um avanço no seu modo de produção escrita, ao assumirem a condição de autores de textos publicáveis no mundo acadêmico. Assim, se o curso de Pedagogia investir de fato nessa formação, os alunos podem ser diplomados com uma autêntica inserção nas práticas de letramento acadêmico, que se refletirá de modo positivo sobre suas práticas docentes futuras.

Referências:

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e a cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice e CATANI, Alfredo. *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. Os três estados do capital cultural. In: BOURDIEU, P. *Escritos de Educação*, Petrópolis: Vozes, 2003a.

BRAGA, Mauro Mendes. PEIXOTO, Maria do Carmo de Lacerda. *Censo socioeconômico e étnico dos estudantes de graduação da UFMG*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

COSTA VAL, Maria da Graça e VIEIRA, Martha Lourenço. Linguagem, língua e interação. In: COSTA VAL, Maria da Graça e VIEIRA, Martha Lourenço. *Língua, texto, interação*. Belo Horizonte: Ceale / Fae / UFMG, 2005.

CRUZ, Maria Emilia Almeida da. O letramento acadêmico como prática social: novas abordagens. *Gestão e Conhecimento*, v. 4, n. 1, art. 1, julho/ novembro 2007. Disponível em: < adm.pucpcaldas.br/revista/online > Acesso em: 18/04/2009.

EITERER, C.; VILLAÇA, A.; RAMALHO, B.; ARAÚJO, R.; LACERDA, I.; ALMEIDA, H.; SILVA, C. Letramento no Programa Pronoturno de Formação de Professores na FaE - UFMG. In: I Simpósio mundial de estudos de língua portuguesa, 2008. Anais do I Simpósio mundial de estudos de língua portuguesa. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: < <http://www.fflch.usp.br/eventos/simelp> > Acesso em: 18/04/2009.

FISCHER, A. Letramento Acadêmico: uma perspectiva portuguesa. *Revista Acta Scientiarum. Language and Culture*. v. 30, n. 2, p. 177-187, 2008. Disponível em: < <http://periodicos.uem.br/>> Acesso em: 18/04/2009.

GOULART, C. (Coord.). A noção de letramento como horizonte ético-político para o trabalho pedagógico: explorando diferentes modos de ser letrado. Niterói / UFF: Mimeo, 2005.

KLEIMAN, Ângela B. (Org.). *Os significados do letramento: uma perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 1995.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares: As razões do improvável*. São Paulo: Ática, 1997.

NOGUEIRA, Maria Alice; NOGUEIRA, Cláudio M. M.. In: *Bourdieu e a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A divisão do campo universitário: uma tentativa de classificação. *Revista Brasileira de Pedagogia*, Brasília, v. 80, n.496, p.451-471. Set/dez. 1999

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOARES, Magda. BATISTA, Antonio Augusto Gomes. *Alfabetização e Letramento*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005.

TORRES, Maria Emília Almeida da Cruz. Promoção do letramento acadêmico: do trabalho com a leitura à composição textual. In: Primer Congreso Nacional Leer, escribir y Hablar Hoy, 2006, Buenos Aires. *Anais do Primer Congreso Nacional Leer, escribir y Hablar Hoy*. Buenos Aires: La Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, 2006. Disponível em: < <http://www.humanasvirtual.edu.ar/> > Acesso em: 18/04/2009

VIANA, Maria José Braga. ; MELO, Henrique . Um perfil sociológico do aluno atual do curso de Pedagogia da FaE/UFMG. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v 43, p. 111-135, 2006.

WILSON, Victoria. Relações entre língua escrita e letramento em produções de texto acadêmico: a constituição do sujeito na linguagem. In: II Congresso de Letras UERJ, 2005, São Gonçalo. *Anais do II Congresso de Letras da UERJ*. São Gonçalo: Botelho Editora, 2005.

YOUNG, Michael. Currículo e democracia: lições de uma crítica à Nova Sociologia da Educação. *Educação e Realidade*, v.14, n.1, p. 29-39, 1989.

[1] Professora associada da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FAE/UFMG).

[2] Graduandas do curso de Pedagogia e integrantes do Pronoturno FaE/UFMG.

[3] Trabalhadores rurais não qualificados: "produtores agropecuários autônomos; outros trabalhadores na agropecuária; pescadores" (VIANA e MELO, 2006: 121)

[4] Profissionais de nível superior ou grandes proprietárias (*Ibdem*).

[5] A respeito dos critérios utilizados para a classificação, ver Setton (1999).

[6] Ver revista *Língua Escrita* : <http://www.ceale.fae.ufmg.br/>

[7] A respeito do capital cultural, ver Bourdieu (2003a).